

A ESCOLA E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: UMA ANÁLISE INICIAL

Micaelle Amancio da Silva; Aldo Gonçalves de Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande

amanciomicaelle@outlook.com; aldogeografia@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender como diferentes demandas influenciam na construção do discurso da escola e como esse discurso contribui com os padrões de socialização e comportamentos. A Escola é vislumbrada como uma das principais instituições responsáveis pela formação dos indivíduos, formação esta que consiste na aprendizagem do conhecimento e normas sistematizados pela sociedade. Neste sentido a Escola é tida, por diversos autores, como aparelho de reprodução ideológica, na qual reproduz valores, cultura e interesses daqueles que exercem o poder. Tal reprodução se desenvolve a partir das demandas educacionais e sociais desenvolvidas na sociedade em diferentes contextos espaços-temporais, que na perspectiva de Foucault será denominado de escolarização. Nisso, esse trabalho justifica-se da necessidade de se entender como esses fatores de escolarização influenciam na estrutura e discurso escolar. Para tal a metodologia se deu a partir de pesquisas bibliográficas em livros, artigos, teses e dissertações de autores que discutem sobre esta temática ou temas relacionados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Escola, Escolarização, Poder.

INTRODUÇÃO

A Escola se configura como uma das principais instituições responsáveis pela formação dos indivíduos. Contudo, tal formação não consiste apenas na aprendizagem do conhecimento sistematizado, mas também dos valores e normas que regem a sociedade a qual estes sujeitos estão inseridos. Pode-se dizer que quase sempre este foi o objetivo da mesma, entretanto seus fatores de escolarização não foram os mesmos ao longo dos tempos, estes sempre foram se modificando em detrimento das demandas sociais.

Desde a sua origem, a educação escolar esteve vinculada as demandas da sociedade e estas são, principalmente, reflexos dos interesses da classe dominante,

na sociedade Capitalista representada pelas figuras do Estado e dos grandes capitais. Diversos autores, como Althusser (1970) e Apple (1989), definem a Escola como um aparelho de reprodução ideológica, carregada de discursos, verdades e saberes pertinentes à classe hegemônica. Estas ideologias que remetem as relações sociais estão impregnadas na estrutura e organização escolar.

Neste sentido, evidenciando a Escola como um espaço de formação de indivíduos, faz-se necessário analisar a mesma no que se refere as suas demandas educacionais, seus fatores de escolarização, para compreendê-la dentro de um contexto maior, a sociedade a qual ela esta inserido. Com isso este trabalho tem como objetivo entender como diferentes demandas influenciam na construção do discurso da escola e como esse discurso contribui com os padrões de socialização e comportamentos.

METODOLOGIA

Tal trabalho faz parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, apresentada no Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras.

Partindo do pressuposto que o método é “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar objetivo- conhecimentos válidos e verdadeiros- traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (OLIVEIRA, 2007, p.18), ou seja, trata-se do caminho a ser seguido para a efetivação do trabalho e seus objetivos propostos. Nisso a metodologia utilizada neste trabalho se deu por meio de pesquisas bibliográficas em livros, artigos, teses e dissertações de autores que se debruçam sobre tal temática, ou temas relacionados, fazendo-se uma análise e discussão teórica sobre tais, objetivando entender a Escola e seu processo de escolarização no contexto espaço-temporal, para dentro de um objetivo maior, compreender as relações de poder existentes na citada Instituição.

A ESCOLA E SEUS FATORES ESCOLARIZAÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO

A Escola se configura enquanto um espaço de distintos conflitos, tendo como referência o fato de que diferentes demandas são apresentadas pelos seus sujeitos,

porém, esses embates não são os mesmos desde o início desta instituição. A educação escolar sempre se desenvolveu a partir dos contextos sócio-temporais de cada sociedade, sendo assim se educava para suprir as demandas colocadas pelos grupos sociais para a Escola, isto é o que, na perspectiva de Michel Foucault¹, trabalhada por Cynthia Greive Veiga (2002), será denominado de escolarização.

A educação existe em todas as sociedades, mesmo sem a presença de uma Escola. A mesma consiste no ensinar-aprender a cultura, os saberes e ensinamentos de um povo, na preparação do indivíduo para sua integração nas relações sociais.

Em todo o tipo de comunidade humana onde ainda não há uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais, e onde o exercício social do poder ainda não foi centralizado por *uma classe* como *um Estado*, existe a educação sem haver a escola e existe aprendizagem sem haver o ensino especializado e formal, como um tipo de prática social separada das outras. E da vida. (BRANDÃO, 2007 p. 32).

Na África pré-colonial “educar era viver o dia-a-dia da comunidade, plantar, escutar da boca dos velhos as histórias da tradição oral, participar nas cerimônias coletivas” (HARPER, et al, 1987, p. 23). Brandão (2007, p.24), define a educação como sendo “uma fração da experiência ‘endoculturativa’, ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender”. Para o sociólogo Émile Durkheim a educação consiste em um fator essencial para a própria existência da sociedade, onde o instinto natural do homem é transformado para a sua convivência no coletivo, no social, para o mesmo nas palavras de Freitag:

[...] A educação é o processo através do qual o egoísmo pessoal é superado e transformado em altruísmo, que beneficia a sociedade. Sem essa modificação substancial da natureza do homem individual em ser social, a sociedade não seria possível. A educação se torna assim um fator essencial e constitutivo da própria sociedade. (2005, p. 35).

A educação em si incide na preparação e formação do indivíduo para a sua vida em sociedade, de acordo com os valores e preceitos da mesma, sendo assim

¹ Foucault (1926-1984), historiador, filósofo e psicólogo. É considerado um dos principais filósofos da contemporaneidade. Sua linha de estudos desenvolve-se, principalmente, na discussão de poder na sociedade. Para ele o poder vai além da instituição e de contratos políticos e jurídicos, ele reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade. (FERREIRINHA; RAITZ, 2010)

um fato social. Baseado em Marx, Enguita (1993, p. 135) diz que “em princípio, geralmente admite-se que o objetivo da educação é formar- ou deformar, tanto faz- as consciências.”. Freitag, por meio das considerações de diversos estudiosos do campo educacional, expõe que:

A educação sempre expressa uma doutrina pedagógica, a qual implícita ou explicitamente se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade; Numa realidade social concreta, o processo educacional se dá através de instituições específicas (família, Igreja, escola, comunidade) que se tornam porta-vozes de uma determinada doutrina pedagógica. (FREITAG, 2005, p. 33-34).

A partir das afirmações desta autora, entende-se que a educação se exprime nos princípios de compreensões de vida do homem e do grupo social ao qual ele faz parte, e a mesma efetiva-se, principalmente, por meio de instâncias inerentes a este meio, entre elas a Escola e a família. É nestas instituições que os então educandos irão aprender como viver e sobreviver em sociedade, de acordo com a cultura e ensinamentos desenvolvidos.

No início das grandes civilizações, lá no tempo antigo, principalmente a grega e a romana, educar era obrigação da família e dos membros do grupo a qual o indivíduo estava inserido, os mais velhos ensinavam aos mais novos, Most (p. 120-221 apud MANACORDA, 2010, p. 96) dizia que “os pais em primeiro lugar são os artífices de seus filhos, aqueles que lhes dão as bases.” Em virtude de tais tradições, neste tempo a escola já existia, mas era marginalizada. O conhecimento sobre as letras, as artes, as ciências, enfim o saber escolar era considerado desnecessário, o que se fazia importante era aprender a arte de um ofício, a ter uma conduta compatível com os preceitos sociais de cada lugar, para assim serem inseridos no sistema das relações sociais.

Geralmente, nessas províncias, depois de receber os ensinamentos da família as crianças eram mandadas para casa de outras pessoas, para adquirirem os conhecimentos que estes tinham a oferecer. “Todo adulto ensinava. Aprendia-se a partir da própria existência e da experiência dos outros. Aprendia-se fazendo, o que ornava inseparáveis o saber, a vida e o trabalho” (HARPER, et. al. 1987, p. 25).

Em geral, a aprendizagem e a educação tinha lugar como socialização direta de uma geração por outra, mediante a participação cotidiana das crianças na vida adulta e sem a

intervenção sistemática de agentes especializados que representa hoje a escola, instituição que então desempenhava um papel marginal. [...] a criança que é enviada como aprendiz-servente a outra família está aprendendo algo mais que um ofício ou boas maneiras: está aprendendo as relações sociais de produção. (ENGUIITA, 1989, p. 107).

Mas, já na Antiguidade (4.000 a. C a 476 d. C), começa-se a ser notória a força da educação, sobretudo no que se refere à Escola, como forma de legitimação do poder, pois ela consistia numa excelente e eficaz modo de reprodução e propagação do discurso dominante. “É no processo educacional que os conteúdos, normas e valores, ao mesmo tempo em que são impostas ao indivíduo, são por ele “internalizadas” e com isso reproduzidas e perpetuadas na sociedade (FREITAG, 2005)”.

A partir do momento em que a educação passa a servir aos interesses de uma classe dominante, a Escola surge como uma forma de educar os indivíduos a partir destes interesses. Ela nada mais é que a institucionalização dessa educação dentro da sociedade, Scott (1987 apud BANDEIRA, 2005, p.26) “apresenta a institucionalização como um processo de adaptação a valores que são infundidos pela interação social”. Para Vieira (2009, p. 131) “a Escola surge da necessidade que se tem de transmitir de forma sistematizada o saber acumulado pela humanidade”. Sendo assim:

Então é o começo de quando a sociedade separa e aos poucos opõe: o que faz, o que se sabe com o que se faz com o que se sabe. Então é quando, entre outras categorias de espacialidades sociais, aparecem as de saber e de ensinar a saber. Este é o começo do momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia, reduz a aldeia à escola e transforma "todos" no educador. (BRANDÃO, 2000, p. 27).

O saber passa a constituir numa importante fonte de poder. Veiga (2002, p. 92) diz que “na perspectiva foucaultiana, saber e poder estão intimamente relacionados, na medida em que o exercício do poder é lugar de formação do saber, e também que todo saber constitui relações de poder”. E a escola como uma instituição que produz e reproduz saber e conhecimento passa a se tornar um importante dispositivo de reprodução ideológica de uma elite ou instância superior, como o Estado. Foucault (1979, p. 246), define dispositivo como sendo “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentado por elas”.

Para estas instâncias e elites que além o poder interessa ser detentor do conhecimento e manipulador deste em relação à sociedade, para que a educação dos indivíduos seja condizente com os interesses dos mesmos. Apple (1989) classifica a Escola como sendo um aparelho/aparato do Estado, que serve para manter a ordem, sua legitimidade e seus interesses por meio de um discurso ideológico.

O próprio Estado é um local de conflito entre classes e frações de classes, e também entre grupos raciais e de gêneros. Por ser o local de tal conflito, ele deve, ou forçar todo mundo a pensar de forma igual (uma tarefa bastante difícil, que vai além do seu poder e destruiria sua legitimidade), ou criar consenso entre uma boa parte desses grupos competidores. Assim, para manter sua própria legitimidade, o Estado necessita integrar de forma gradual, mas continua muitos dos interesses dos grupos aliados e até mesmo dos grupos que se lhe opõem, sob sua bandeira. (Idem, 1989, p. 44)

A Escola vai ser de importante relevância aos interesses do Estado devido à monopolização dos saberes, pois subtende-se que uma sociedade que tem conhecimento não será passiva aos mandos e desmandos de um governo, pois “o conhecimento tanto amplia quanto multiplica nossos desejos”². E essa manipulação se torna mais eficaz na Escola por causa dessa forma gradual, mas continua que Michael Apple fala em *Educação e Poder*. O indivíduo que busca o ensino regular para obter sua formação pessoal e profissional dedica um bom tempo de sua vida a tal instituição, compartilhando de suas propostas educacionais, dos seus saberes e dos seus discursos. Além disso, a Escola é uma das principais instâncias que atua na formação individual e social de uma pessoa. Althusser articula que:

[...] um aparato ideológico de Estado desempenha, em todos os seus aspectos, a função dominante, embora não se preste muita atenção à sua música, de tão silenciosa que é: trata-se da escola. A escola recebe as crianças de todas as classes sociais desde o Maternal, e já desde o Maternal, tanto com os novos como os antigos métodos, inculca-lhe durante anos, precisamente durante os anos em que a criança é extremamente “vulnerável” (...) [...] Nenhum Aparato Ideológico de Estado dispõe durante tantos anos de audiência obrigatória [...]. (1977, p. 94-97 apud ENQUITA 1989, p. 147).

² Discurso de um autor desconhecido contra as propostas educacionais de difusão do saber entre as camadas mais pobres, da Igreja Anglicana. (BURKE 2001, p. 58-59 apud HILSDORF, 2006, p.188).

Enguita (1989, p. 158), diz que em relação aos alunos “a Escola não apenas pretende modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com seu corpo, suas relações mútuas”. Ou seja, a Escola consiste em um instrumento de formação do indivíduo, e isto ocorre por meio do processo de escolarização. No ponto de vista de Veiga, a partir das ideias de Foucault, esta escolarização consiste em:

[...] uma rede heterogênea de elementos que lhe dá visibilidade e ocultamento, nas formas discursivas e não-discursivas. É uma estratégia inscrita em jogos de poder, ligada a configurações de saber que deles nascem e também os condicionam; enfim, a escolarização como estratégia de poder. (VEIGA, 2002, p.91).

Ou seja, a escolarização incide na configuração da escola para a formação ideológica de acordo com o discurso dominante, na qual as propostas educacionais são moldadas perante a intenção de tal discurso, geralmente o do Estado. É o saber escolar como forma de disseminação de um discurso ideológico. Neste sentido, e seguindo as teorias de Foucault, a escolarização vai servir como dispositivo para atender as demandas sociais de cada contexto espaço-temporal. Veiga (2002, p.100), diz ainda que:

[...] nesse sentido a Escola estrutura-se como prática social com base no dispositivo escolarização; é produtora e reprodutora de formas sociais, da socialização, expressa na difusão da cultura escrita, do saber científico, e na produção dos talentos e da individualização.

A referida instituição transitou por distintos momentos históricos, na qual a proposta educacional sempre sofreu influências das diferentes demandas impostas pela sociedade, regidas por uma instância maior, fossem estas provindas de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, etc. Com isso ela teve diversos fatores de escolarização em detrimento destas demandas, enfatiza-se isto nas palavras de Jaeger (2001, p.04) “a história da educação está essencialmente, condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade”. E para atender a tais demandas a Escola reproduz seu discurso por meio do processo de escolarização, e este por sua vez, está expresso nos recursos, nas políticas e propostas que a elite dominante confere ao ensino. Pois:

[...] é bem sabido que a história é escrita pelos vencedores, que não gostam de mostrar a roupa suja: sempre é mais conveniente apresentar a história da escola como um longo e frutífero caminho desde as presumidas misérias de ontem até as supostas glórias de hoje ou de amanhã que, por exemplo, como um processo de domesticação da humanidade a serviço dos poderosos. (ENGUIITA, 1989, p. 131).

Endossamos as palavras de Enguita (1989, p. 129) ao dizer que: “Mas que uma evolução, a história da educação é uma sucessão de revoluções e contra-revoluções”, pois “[...] no embate ideológico, não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas, desautorizar o censo comum.” (SAVIANI, 2009, p.54).

CONCLUSÃO

Emanamos que o saber constitui em um importante dispositivo para o desenvolvimento do poder, pois por meio das considerações de Foucault vimos que o saber não se tem, se exerce. Por isso é conveniente controlar e determinar o conhecimento que se é produzido e transmitido na Escola. Uma sociedade bem educada, que tenha acesso aos saberes, que seja informada, não será conivente com os interesses de uma classe que lhes é alheia.

Nesse sentido, viu-se que a Escola tem funcionado como um dispositivo de reprodução ideológica, que tem propagado normas e valores condizentes com os interesses de quem domina, sendo reprodutora de discursos sociais. Nisso a Escola, a partir de seus fatores de escolarização, passa a atender as demandas educacionais e sociais que se estabelecem a partir de cada contexto espaço-temporal.

Apontamos que tal eficácia da Escola, como dispositivo de reprodução ideológica, se dá devido a forte presença desta na sociedade e conseqüentemente na vida dos indivíduos. A Escola, independentemente das suas condições, atinge todos os setores da sociedade e por anos as pessoas que estudam estão convivendo nesse espaço vão assimilando estes valores que são repassados.

Mas vale aqui apresentar a ideia que esta é apenas uma das vertentes que permeiam a Escola, pois a mesma é um espaço composto por diferentes sujeitos e variáveis, com interesses divergentes aos que se tentam impor neste espaço. Tal

instituição também se apresenta como um espaço de produção ideológica, portadora de uma cultura que lhes é própria, nisso a mesma se configura como um espaço em conflito.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Educação e Poder. Trad. Maria Cristina Monteiro. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, 201 p.

BANDEIRA, Mariana Lima. Da mudança institucional. In: _ Desordem ou vácuo institucional? Uma análise dos discursos presentes na educação superior peruana. Tese (Doutorado em Administração). Fundação Getúlio Vargas, rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3276/Mariana%20Bandeira.pdf?sequence=1>>. Acesso em 07 de agosto de 2013.

BRANDÃO, Carlos Henrique. O que é educação. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ENGUITA, Mariano Fernandes. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. Trabalho, escola e ideologia. : Marx e a crítica da educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições graal, 1979.

FREITAG, Barbara. Escola, Estado e Sociedade. 7ª ed. rev. São Paulo: Centauro, 2005.

HARPER, Babette. et. al. Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 29ª ed. Editora Brasilense, 1987.

JAEGER, Werner Wilhelm. Paidéia: a formação do homem grego. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANACORDA, Mario Alighiero. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. 13ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 41ª ed. Campinas: Autores Associados, 2009, p. 86.

VEIGA, Cynthia Greive. História da Educação. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

VIEIRA, Sofia Lerche. Escola- função social, gestão e política educacional. In: _ FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Angela da S; (Org.) Gestão da

educação: impasses, perspectivas e compromissos. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 129-145.